

Clifford começou a convidar gente para visitá-lo, críticos e escritores, na sua ânsia de ser analisado e louvado. E eles vinham e desmanchavam-se em louvores. Constance compreendia tudo. Mas que tinha isso? Era mais um dos reflexos do espelho. Dava prazer e não causava mal nenhum.

Ela recebia gentilmente todo aquele povo, em geral homens. Também recebia as poucas relações aristocráticas de Clifford. "Moça de compleição sadia, cabelos castanhos ondados, grandes olhos azuis e ancas firmes, achava-se um tanto antiquada e excessivamente mulher." Não lembrava nada dum arenque, como essas moças do tipo viril, de peito chato, e ancas escorridas. Constance era demasiado feminina para ser realmente chique.

Talvez por isso os homens se mostrassem tão caídos diante dela. Mas sabendo que o menor flerte torturaria o esposo, não alimentava a galantaria. Conservava-se serena e distante. Fugia aos contatos. Pobre Clifford. Andava tão orgulhoso de si próprio...

Os parentes do marido tratavam-na com gentileza, mas Constance adivinhava que tal gentileza vinha de a considerarem inofensiva. Certa gente só respeita aos que podem fazer mal. Constance aceitava com resignação aquela gentileza de fundo desdenhoso. Na realidade não se sentia ligada de qualquer maneira aos parentes do marido.

E o tempo passava. Tudo que acontecia, de fato não acontecia, tanto se afastara do mundo. Viviam os dois o sonho da literatura — vida de idéias e livros. Mas como dona de casa ia recebendo os visitantes. Wragby nunca estava sem gente de fora. E o tempo ia passando...

CAPITULO III

MAS A INQUIETAÇÃO DE CONSTANCE era crescente. Aquele isolamento de tudo quase a enlouquecia. Sentia tiques pelo corpo, quando desejava estar tran-

qüila, e tal mal-estar que às vezes se lançava a nado na piscina, como para libertar-se de qualquer coisa. Seu coração palpitava sem motivo. Entrou a emagrecer.

Inquietação apenas. Frequentemente atravessava de corrida o parque abandonando Clifford, e deitava-se de bruços na grama. O bosque era-lhe um refúgio, um santuário, embora ela não se sentisse integrada nele — não apreendesse o espírito da floresta.

E vagamente se sentia enlanguescer naquele apartamento de tudo; perdera qualquer contato com o que há de substancial ou vital no mundo. O universo resumira-se-lhe em Clifford e em sua obra, a qual também não existia, já que nada tinha no fundo. Vazio! Tudo vazio! Constance boiava numa permanente sensação do vazio de tudo. Estava como se houvesse chocado a cabeça numa pedra.

Seu pai advertiu-a de novo.

— Por que não procuras um amante, Constance? Isso te faria bem.

Naquele inverno, Michaelis fora passar uns dias em Wragby. O jovem irlandês, que havia ganho uma fortuna com a representação das suas peças na América, começou por andar nas palmas das mãos da sociedade elegante de Londres, todo entregue a novas produções mundanas. Por fim essa sociedade percebeu que em suas peças ele a metia a riso; e esfriou. Michaelis foi posto de lado. Descobriram que era antiinglês, crime que tal gente não perdoa. Acabou lançado à lata do lixo.

Não obstante, Michaelis mantinha apartamento do Mayfair e flanava pela Bond Street com todos os sinais exteriores de um "gentleman" — isso porque até os grandes alfaiates se recusam a voltar as costas aos fregueses de má fama quando as contas são pagas em dia.

Michaelis teve bons maus quartos de hora; apesar disso, entretanto, Clifford não vacilou em convidá-lo. Escritor com milhões de leitores, ao ver-se naquela situação de pária social, certo que retribuiria o acolhimento trabalhando pela celebridade de Clifford na América.

Hábeis elogios estabelecem uma reputação principalmente no Novo Mundo. Ora, Clifford era escritor adiantado, com um notável instinto de publicidade. Michaelis o in-